



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de divulgação do incremento de vagas de graduação nos processos seletivos das universidades federais**

**Palácio do Planalto, 03 de setembro de 2008**

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meus queridos companheiros Fernando Haddad, da Educação; Paulo Bernardo, do Planejamento; e Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia,

Meus caros senadores Edison Lobão Filho e Renato Casagrande,

Companheiros deputados e companheiras deputadas,

Cumprimentando o meu companheiro Henrique Fontana, líder do governo, estou cumprimentando todos os deputados e todas as deputadas presentes,

Meu companheiro Amaro Pessoa Lins, reitor da Universidade de Pernambuco e presidente da Andifes,

Minha querida companheira Lúcia Stumpf, presidente da UNE,

Companheiros magníficos reitores e magníficas reitoras – eu gosto de falar magnífico, afinal de contas deve ter muita importância, porque vocês conquistaram isso. Poderia ser companheiro reitor, mas...

Senhoras e senhores,

Companheiros e companheiras,

Eu tinha dito ao Fernando Haddad que não ia falar, mas estou chegando a uma idade que quando vejo um microfone eu tenho vontade, e, quando vejo dois, a minha vontade aumenta mais ainda.

Eu não poderia deixar de dizer duas coisas importantes. Qualquer pessoa que chegasse aqui e visse cinco ministros participando de uma reunião



com aproximadamente 80 pessoas, iria perguntar: “Por que o governo está com tantos ministros reunidos com tão pouca gente?” Se a gente dissesse que na República Federativa do Brasil nenhum presidente nunca reuniu todos os reitores, ela iria perceber que tem uma novidade. Iria perceber que tem novidade maior quando muitos ministros da Educação deste país já tinham sido reitores de universidades e, mesmo assim, não atendiam os reitores coletivamente.

Essa é a novidade, essa é a razão pela qual o governo e os seus ministros dão tanta importância a uma reunião como esta. Possivelmente havia medo de que vocês viessem reivindicar aumento de salário, aumento do quadro de funcionários ou mais investimentos para melhorar a qualidade das universidades. É estranho que figuras tão importantes na educação brasileira, na política dos estados e na política das cidades não tenham tido nenhuma deferência respeitosa pelos governantes deste país durante todo o século XX. Possivelmente isso explique um pouco a debilidade das universidades públicas brasileiras. Talvez isso explique um pouco. Também porque pode ter aqueles que imaginavam que vocês viriam aqui para dizer que não é possível ter apenas 10%, 12% ou 15% dos estudantes universitários brasileiros em escolas públicas federais ou estaduais. Também tinha gente que imaginava que, do ponto de vista educacional, o mercado iria resolver. Daí a razão pela qual vocês não eram ouvidos.

Possivelmente o fato de eu receber tanto vocês é porque, como não sou da universidade, não vejo defeitos, só virtudes. Pelo fato de eu ser um estranho no ninho, não tenho medo. Engraçado, eu não tenho medo de vocês. Não tenho medo das reivindicações, não tenho medo das críticas, porque eu acho que é exatamente nessa relação que a gente vai construindo aquilo que pode ser o mais perfeito a ser construído pelo ser humano.

Ontem eu tive um dia glorioso, como brasileiro: fui ao Espírito Santo, na Bacia de Campos, buscar um pouquinho de petróleo que está a 4 mil e 300



metros de profundidade. Isso só foi possível graças aos investimentos na educação, na preparação dos profissionais da Petrobras e graças aos investimentos em ciência e tecnologia nos nossos funcionários, professores da Petrobras, geólogos e engenheiros. Para mim, ontem foi um dia extremamente feliz. Jamais imaginei que a gente pudesse chegar a quase 5 mil metros de profundidade e trazer de lá uma coisa que estava incrustada pela natureza.

Depois eu vi algum noticiário ou ouvi alguém dizendo: “Pegou de 4 (mil metros), quero ver se pega de 6.” Eu achei muito estranho, porque é indescritível que as pessoas pensem assim. É uma espécie de jogar para baixo, porque a gente não iria ao Espírito Santo se não tivesse a convicção de que, em março do próximo ano, vamos tirar de 6 mil e 500 metros de profundidade. Para baixo, todo santo ajuda. Vocês percebem? Os críticos nem percebem isso. Se fosse subindo poderia ter problema, mas, para baixo, até bêbado chega em casa.

Ontem foi um dia glorioso para mim, como brasileiro, e quero dizer para vocês que hoje é outro dia glorioso. Há mais ou menos 30 dias, quando constituí o Conselho Interministerial, que vai me apresentar uma proposta da nova lei do petróleo, das modificações que precisamos fazer, eu disse a eles três coisas. A primeira é que nós não vamos ser exportadores de óleo cru, vamos exportar derivados de petróleo para ganhar mais dinheiro para o País. A segunda coisa que eu disse, é que precisamos aproveitar o dinheiro que pudermos ganhar com o pré-sal para que a gente recupere a dívida com a educação, que este país tem, que vem desde o século XX. A terceira coisa é que nós precisamos utilizar parte desse dinheiro... Quando falo em educação, Sergio, vou dizer: educação envolve ciência e tecnologia. A terceira coisa que nós precisamos resolver é o problema da pobreza no Brasil. Obviamente que a gente não sabe quanto petróleo tem. A gente imagina, mas não sabe quanto tem. A gente não sabe para quanto vai o preço do petróleo.

Mas eu também vi, Dilma, algumas críticas, dizendo que o governo quer



discutir para onde vai o dinheiro antes de tê-lo. Eu vou dizer uma coisa para vocês: sabem por que eu quero discutir logo para onde vai para o dinheiro? Porque se a gente não discute, os mesmos de sempre, que sempre ganharam tudo, vão querer se apoderar desse dinheiro antes de ele chegar às finalidades nobres que nós queremos neste país.

Se vocês não sabem, 62% dos dividendos de todo o investimento, de toda a renda da Petrobras são pagos na Bolsa de Nova Iorque. Nós não poderemos, com o pré-sal, ficar na mesma proporção de ficar rico quem está rico e pobre quem está pobre. Vocês percebem que não sou de rasgar notas de dinheiro, eu sou muito tranquilo. Acho que o ato de hoje me dá mais autoridade para dizer que isso é possível, para dizer que a gente saiu de 113 mil novas vagas em 2003 para 227 mil vagas a mais. É uma coisa que me dá alegria.

De vez em quando eu sou achincalhado nas perguntas: “e o Paulo Bernardo? O Paulo Bernardo está dando aumento não sei para quem. A máquina está gastando muito.” Eu queria que alguém me dissesse como a gente vai transformar este país num país de alta competência educacional se não contratar professores, técnicos, se não fizer mais universidades. Seria muito mais fácil pensar que o mercado vai resolver esse problema, e não gastar dinheiro. Mas eu não acredito nisso.

Eu acredito que o Estado brasileiro pode fazer o equilíbrio entre o ensino que pode ser visto apenas do ponto de vista mercantilista e o ensino que tem que ser feito para transformar este País num Estado muito forte, num Estado competente e competitivo em todas as áreas. As publicações que o Brasil está fazendo em pesquisa já cresceram muito, e vão crescer mais quando a gente estiver cumprindo o nosso PAC de 41 bilhões e 500 milhões de reais.

O que está acontecendo hoje, meu querido Fernando Haddad – além da sua competência e da competência da sua equipe, além da mão aberta do Paulo Bernardo e além da companheira Dilma Rousseff – é porque nós



proibimos neste governo, desde 2003, utilizar a palavra gasto quando se fala em educação. Educação tem que ser vista como investimento, e possivelmente investimento que traga retorno no mais curto espaço de tempo que um investimento pode trazer.

Quero agradecer aos companheiros da UNE, aos companheiros do ProUni. Quando o prato está pronto, todo mundo vai lá e come, e acha que foi fácil. Não foi fácil. As bordoadas que nós tomamos quando inventamos o ProUni: diziam que a gente estava dando dinheiro para a escola privada. As pessoas não se preocupavam que o nosso objetivo não era a escola, mas o aluno. Hoje eu penso que ninguém tenha mais dúvidas sobre o ProUni.

Quando criamos o Reuni – e a nossa querida presidente da UNE disse bem – os falsos esquerdistas ou os falsos revolucionários foram para as reitorias dizer que a gente iria baixar o nível de ensino, porque queríamos aumentar o número de alunos. Em algumas quebraram vidros, janelas, portas. Sempre foi assim no Brasil. Aqueles que já tiveram, não se contentam que os que nunca tiveram, tenham acesso ao mesmo que eles. Em algumas cidades deste país têm uma parte da população que não gosta que o pobre tenha ascensão e chegue até a praça que ele participava, que ele frequentava. Para nós, chegar à universidade não é ascensão. Chegar à universidade não é ascensão. Chegar à universidade é um direito que está garantido na Constituição, e cabe ao Estado garantir oportunidades para que todos possam chegar lá.

Por isso, querido Fernando Haddad, se eu pudesse colocar a minha alegria do pré-sal junto com a alegria do anúncio que você fez aqui hoje, eu poderia dizer que eles estão em igualdade de condições. O pré-sal só surgiu por conta dos grandes técnicos que a Petrobras tem. Então, nós precisamos utilizar esse potencial para formar mais gênios, para que a gente possa ter mais valor agregado, mais conhecimento e possa parar de ser exportador apenas de minérios ou de soja. Nós queremos ser exportadores de



**Presidência da República**  
**Secretaria de Imprensa**  
**Discurso do Presidente da República**

---

conhecimento e de inteligência, porque é isso o que vai nos colocar no padrão de país definitivamente avançado.

Parabéns, Fernando Haddad; parabéns, reitores; parabéns à UNE, e vamos anunciar mais coisas.

(\$211A)